

RÁDIO CLUB DE CAMPINAS

Diário do Povo 17.11.73

JOLUMÁ BRITTO

A primeira estação de rádio que funcionou no Brasil foi montada no alto do Corcovado, no Estado da Guanabara, pela Westinghouse Electric Co., em colaboração com a Light e a Cia. Telefônica Brasileira, isto por ocasião das festas da Independência, em 7 de setembro de 1922.

Em Campinas, em certa madrugada, 4 horas da manhã, na residência do sr. Francisco Xavier Junior, à rua do Barreto Leme, depois de tentativa infrutífera feita na sede do Centro de Ciências, Letras e Artes, com aparelho receptor montado por um amigo comum, o Dina, durante muito tempo somente ouvimos, eu e mais alguns amigos, violentas descargas elétricas através de um alto falante. Foi isto, pouco antes de 1927.

Naquela madrugada, em companhia do Aguinaldo Xavier de Souza, depois de colocarmos dois fones nos ouvidos, somente ali pelas 4 horas e quando as últimas estrelas cediam lugar para os violentos clarões de uma manhã que vinha perto, ouvimos nitidamente, um som longínquo, de uma estação de Nova Iorque. Se era, não sei. Disseram-me que era. Mas que era música, posso garantir.

Logo em princípios de 1927, como era redator auxiliar da Gazeta de Campinas, desde os tempos em que a mesma vinha funcionando à rua Dr. Quirino, em frente onde hoje se situa a Casa Hernani e em cujos altos estava instalado o Clube Italiano, lançava comentários sobre as possibilidades da instalação de uma emissora na cidade. A música distante daquela madrugada, na casa amiga do cidadão prestante que era Francisco Xavier de Souza Junior, ficara-me aos ouvidos, como uma canção que não conseguia traduzir, apenas sabia que era som, que o céu mandava para acordar no coração do homem, as bênçãos divinas da música.

Com a série de artigos que então já publicava em 1927, um senhor que conhecera na polícia, o Mário Vieira da Silva, então inspetor no bairro da Ponte Preta e lamentavelmente falecido no ano último na Capital bandeirante, interessou-se, também, pelo rádio. Era uma emoção nova que chegava até nós através das nuvens, e nós nos perdíamos em conjecturas sobre o mistério de Deus, no destino das coisas terrenas.

De maneira que, conhecendo, também, Ítalo Corsi Lazzeri, que me apresentara Luiz Véspoli, ia quase todas as noites à sua residência, na rua Luzitana, onde ele captava sem dificuldades a onda curta da emissora da B.B.C., de Londres, que agora está comemorando seu jubileu de ouro.

Beirávamos, então, já 1.929. As tentativas que realizávamos para montar uma estação transmissora em nossa terra, eram vãs. Havia sempre, principalmente quando a noite ia caíndo, ali pelos Angelus, o estranho ruído, muito desagradável, das descargas elétricas que feriam nossos ouvidos. Mas, por que somente quando a tarde começava a deitar seus últimos raios de sol? Durante o dia, existia um mistério do qual nós, leigos, não compreendíamos e que mais tarde o Pagano, esse meu querido amigo de sempre, o Tininho, explicava que se tratava de uma tal coluna de "heavside". Não sei se é assim que se escreve, mas era, conforme ele pronunciava com o seu bom inglês, de "evesaide".

Ítalo Corsi Lazzeri, mais o Véspoli e eu começamos a nos interessar profundamente pela interferência violenta que tanto prejudicava a captação de ondas de rádio em nossa terra.

Lembrava-me, então, de que o dr. Ricardo Gumbleton Daunt afirmara em artigo que escrevera não sei para que jornal, que o solo campineiro era "calcáreo", com muita pedra no sub-solo. E todos, curiosos, entramos a matutar sobre o assunto.

Por esse tempo, a Gazeta de Campinas já mudara suas oficinas e escritórios para o Largo da Matriz

Nova, antigamente assim se chamava o Largo da Catedral de nossos dias, que, aliás é oficialmente Praça José Bonifácio!

Ali montamos um alto falante para retransmissão de jogos de futebol, que se realizavam no Rio de Janeiro, se não me engano, lembrado recentemente pela palavra desse brilhante jornalista e sempre meu querido amigo que é Bráulio Mendes Nogueira.

O Largo da Matriz Nova, em 1930, ou pouco antes, ficava assim de gente! Todo mundo de palheta! Mas, o que se ouvia era, de quando em quando, mas muito de quando em quando, uma voz que vinha de longe, enquanto o poviléu ficava escutando cada descarga elétrica de arrançar as palhetas de muitas cabeças!

Eu não me interessava tanto pelo jogo, era mais pela recepção perfeita e até hoje eu me pergunto, onde é que eu tinha a cachola para montar aquela joça de alto falante para apanhar barulho somente

Uma fotografia que o Correio publicou há dias, prova, suficientemente o que estou dizendo e que mereceu rápidos comentários do Bráulio que eu não sei se era ele ouvinte também daquela tempestade de eletricidade que descia do céu em forma de cataclisma. Com muita boa vontade do Ítalo e muito mais ainda do Véspoli, que era uma espécie de dono da Tração, Luz e Força, fomos mantendo o povo interessado na novidade, justamente quando o Prefeito de Campinas essa figura inolvidável do sr. Orosimbo Maia, um homem cuja têmpera e cujo caráter deram a Campinas o título, que eu confirmo, da mais nobre cidade do Brasil.

Ele, então, ofereceu um prêmio de 15 contos de réis, para quem descobrisse o motivo das dificuldades da recepção do rádio em nossa e sua terra, depois das 18 horas, principalmente. O Ítalo, certa noite, notou que após a parada dos bondes, ali pelas 11 horas da noite, a recepção das ondas emissoras principalmente das longas, era perfeita! Então, descobriu-se que quando os bondes trafegavam com as luzes acesas, aumentava o ruído da descarga mas, parados esses veículos em seus recolhimentos ou oficinas, tudo era santa paz no coração dos pequenos rádios regenerativos, que a cidade possuía. Esses tais de regenerativos, principalmente os de marca Telefunken, não admitiam que a gente chegasse perto, para sintonizá-los pois eles miavam, acda vez mais alto, quanto mais perto deles nos achegávamos. Lembrou-me de uma caricatura de um indivíduo com uma vassoura, de cabo bem comprido, sintonizando seu aparelho receptor, para evitar a gataria do Telefunken. Era uma coisa!

Mas, a experiência valeu porque o Ítalo construiu uns aparelhos de filtragem e colocou-os nos bondes, ligando-os durante à noite, de maneira que começou, então, a paz no seio de Abrahão.

Pouco depois, estudada a possibilidade de que uma emissora local evitaria qualquer interferência na recepção de rádio, unindo-nos ao Mário Vieira da Silva, continuando sempre com a campanha na Gazeta de Campinas e mais ao técnico que viera do Estado da Guanabara, Alexandre Siqueira, montamos, com dez contos de réis de pequenas peças, a primeira emissora de Campinas, à rua Barão de Jaguara, em seu finzinho, junto à linha da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, numa chácara que era da senhora progenitora do Mário. Ali, o Alexandre, com todo cuidado e com muita dificuldade de peças que eram compradas, sabe lá Deus como, montou a primeira estação emissora radiofônica de Campinas, com 10 watts! E a primeira vez em que a estação funcionou, eram mais ou menos 10 horas da noite, de Rocinha, que é hoje Vinhedo, telefonaram dizendo que estavam ouvindo perfeitamente a ESTAÇÃO DE CAMPINAS. E eu ainda exclamei, quase suando: Puxa, como vai longe!